

The sorrows of Empire. Militarism, secrecy and the end of the Republic

Chalmers Jonhson
New York, Metropolitan Books, 2004, 400p.

JOÃO ROBERTO MARTINS FILHO*

Em seu último livro, *Multitude, war and democracy in the age of Empire* (New York, Penguin Press, 2004), Antonio Negri e Michael Hardt compararam a filosofia política clássica, com sua capacidade de fornecer instrumentos para a transformação, à ciência política de nossos dias. “Hoje, dizem eles, a maioria dos cientistas políticos constitui-se de meros técnicos que trabalham para resolver os problemas quantitativos da manutenção da ordem e o restante vaga pelos corredores que ligam suas universidades aos centros de poder, tentando conquistar os ouvidos do soberano para lhe murmurar seus conse-

lhos” (p.33). E completa: “A figura paradigmática do cientista político passou a ser o Geheimgat, o assessor secreto do soberano”.

Felizmente, há exceções. Entre elas, Chalmers Johnson é um caso surpreendente. Depois de construir carreira como um dos mais respeitados estudiosos da China e do Japão, em plena guerra do Vietnã, sua reputação garantiu-lhe um convite para participar de um time de 20 especialistas externos, cuja função era se reunir duas vezes por ano, entre 1967 e 1973, em uma aprazível casa de campo da Central Intelligence Agency, para avaliar “de forma não bu-

* Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos.

rocrática” o texto das estimativas de inteligência elaboradas pela agência. Apesar de sua boa vontade inicial, logo concluiu que as atividades sigilosas da agência não passavam de cobertura para as mais variadas formas de ações clandestinas de projeção do poder americano. A CIA e outras agências do gênero não passavam de “exércitos privados dos presidentes para serem usados para projetos secretos que eles, pessoalmente, quer(iam) executar” (p. 11). Em um plano mais geral, a partir de sua própria vivência, chegou à descoberta de que a política externa americana era cada vez mais decidida no âmbito do Pentágono e da CIA, e não no Departamento de Estado ou do Congresso.

Bastante tempo depois, uma experiência posterior de Johnson consolidou a virada. Em fevereiro de 1996, ele foi convidado pelo governador da ilha japonesa de Okinawa a falar sobre o problema das bases americanas, no rastro do maremoto de protestos que se seguiu, na ilha e em todo o Japão, ao estupro de uma menina nipônica de 12 anos por três soldados ianques, sediados em uma das 38 bases que ocupam um quinto do território da ilha. Diante do quadro que presenciou, ele decidiu começar uma campanha contra o que chamou de “império de bases militares”. Surgiu assim o primeiro volume de uma prometida trilogia, *Blowback, the costs and consequences of American Empire* (Nova Iorque, Henry Holt and Company, 2001).

The sorrows of Empire é o volume seguinte. Seu tema é o crescimento do

câncer que vem avançando sobre o corpo institucional dos EUA, principalmente, depois do 11 de Setembro. “Não parece mais necessário lançar advertências; em vez disso, um diagnóstico, uma autópsia mesmo, parecem mais apropriados” – constata (p.11). Para Johnson, no período que vai de 1989 a 2002 (quando vem à luz o documento-chave da política de segurança nacional de Bush) ocorreu uma revolução nas relações americanas com o resto do mundo. Ao fim e ao cabo, os EUA já não têm uma “política externa”, mas um império militar, expresso fisicamente na presença de 725 bases no exterior, que dispensam as colônias tradicionais do velho imperialismo. Seus efeitos são catastróficos: “A presença dessas bases inevitavelmente usurpa, distorce ou subverte qualquer instituição de governo democrático que possa existir na sociedade anfitriã” (p.36).

No plano doméstico, a outra face do império de bases é o avanço do militarismo e do segredo no interior das instituições americanas. Nesse sentido, Johnson defende que a história americana presenciou um progressivo afastamento do modelo republicano original. Para tanto, fornece três evidências. A primeira é a formação de uma casta militar totalmente separada do mundo civil, mas apoiada por um time de militaristas civis, traço que para o autor se consolida depois de 1973, quando é abolido o recrutamento obrigatório, no bojo da crise desencadeada pela guerra do Vietnã. A segunda é a presença de

militares ou representantes da indústria militar em altos postos do governo. A terceira é a prioridade dada à prontidão militar na política do Estado.

O capítulo “As instituições do militarismo americano” fornece uma análise reveladora e convincente das estruturas do militarismo. Aí se analisam as conseqüências da abolição do recrutamento universal, na constituição de um aparelho militar autoritário e isolado da sociedade americana, composto em sua maioria por soldados provenientes dos setores marginais da sociedade. Por outro lado, a transparência do orçamento militar não passa de um mito. Graças a mecanismos como os “Programas de Acesso Especial”, a maior parte do orçamento militar está fora de qualquer supervisão parlamentar (p. 118). Por fim, o clássico preceito republicano que impedia o uso das Forças Armadas no interior das fronteiras do país caminha a passos largos para se transformar em letra morta, incentivado pela onipresente luta contra o terrorismo e o inimigo interno (pp. 120 e ss.).

Mas o núcleo duro de *Sorrows of Empire* são os capítulos dedicados ao “Império das bases militares”. Para o autor, a presença americana em grande parte do mundo tem hoje cinco missões principais. A primeira é garantir a preponderância militar absoluta. A segunda é criar centros que permitam espionar as comunicações de qualquer pessoa, governo ou instituição, dentro e fora dos EUA. A terceira é o controle das fontes de energia fóssil. A quarta é

fornecer trabalho e renda para os componentes do complexo industrial-militar. A última é garantir que os membros das Forças Armadas vivam com conforto incomum em qualquer posto do império no mundo. Nenhuma dessas funções, obviamente, diz respeito diretamente à defesa da segurança nacional norte-americana.

A parte final do livro traz a guerra do Iraque como uma morte anunciada e explica como a ideologia da globalização não passa de uma cortina de fumaça para as políticas de poder que realmente contam. Os últimos capítulos procuram mostrar como o 11 de setembro caiu como luva para os desígnios da Casa Branca. “Seria difícil negar, diz o autor, que petróleo, Israel e política interna foram fatores cruciais na guerra do governo Bush contra o Iraque, mas acredito que a explicação mais abrangente para nossa segunda guerra contra o Iraque não difere da de nossas guerras nos Bálcãs em 1999 e no Afeganistão em 2001-2002: as pressões inexoráveis do imperialismo e do militarismo” (p. 236).

O livro se encerra com uma indagação: “Montamos o tigre napoleônico. A questão é: vamos – ou podemos – desmontar?” (p. 284). Para responder a essa questão, cumpre entender claramente quais as opções que se descortinam ao povo americano e quais as conseqüências que o caminho atual prenuncia. Em suma, é preciso deixar claro aos cidadãos dos Estados Unidos quais são as *penas do império*. A primeira é a guerra perpétua, a violação da independência

e da soberania dos outros países. A segunda é o militarismo que subverte as instituições dos EUA. A terceira é a desinformação e aceitação da hipocrisia e da mentira como norma social. E finalmente, a mais grave delas é a crise financeira, originária do custo da manutenção do império das bases e do militarismo.

Há uma saída, nesse quadro pouco promissor? Chalmers Johnson a vislumbra na capacidade dos cidadãos dos EUA efetuarem a longa viagem que levaria seu país ao caminho inverso do que o trouxe ao militarismo. Isso implicaria na retomada das rédeas do Congresso, na reforma das instituições e no corte da autonomia militar. A conclusão não é muito animadora: “Nessa hora tardia, contudo, é difícil imaginar como o Congresso, tal como o Senado romano nos últimos dias da República, pode ser trazido de volta à vida e purificado de sua corrupção endêmica. Fracassada essa reforma, Nemesis, a deusa da retribuição e da vingança, que pune o orgulho e a soberba, espera pacientemente por nós” (p.312).

É difícil negar a influência que o empreendimento intelectual de Johnson tem desempenhado na campanha contra as políticas de George Bush. Já apontamos também sua função de antídoto à visão idealizada e formalista das instituições dos EUA, que hoje fundamenta os modelos da Ciência Política. Na sua metodologia mais ampla, Johnson segue na trilha aberta pelas anotações de Max Weber sobre os riscos colocados

pelo segredo burocrático à democracia liberal, que reproduz na introdução ao livro. Suas breves alusões ao marxismo são preconceituosas e decepcionantes (p.260-61), embora Che Guevara seja citado num ataque à forma atual do colonialismo (p.30) e a análise do imperialismo coloque o autor muito mais próximo dos clássicos do marxismo do que de Weber (“Guerra e imperialismo são gêmeos siameses ligados pelos quadris. Não podem ser separados. O imperialismo é a maior causa isolada da guerra e a guerra é a parteira das novas aquisições imperialistas”, p.187). Há razões para desconfiar também dos marcos definidos por Johnson na sua história do imperialismo americano, assim como podem soar inocentes suas alusões a um passado de pureza da república americana. Mas, feitas as contas, *Sorrows of Empire* segue as boas lições dos clássicos da Política, mencionadas no início desta resenha: fornece os instrumentos para pensar a mudança e a transformação.

MARTINS FILHO, João Roberto. Resenha de: JONHSON, Chalmers. The sorrows of Empire. Militarism, secrecy and the end of the Republic. New York: Metropolitan Books, 2004, 400 p.. Crítica Marxista, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.21, 2005, p.173-176.

Palavras-chave: História americana; República; Militarismo.